

# DO OLHAR CRÍTICO À VISÃO COMPREENSIVA: OLHANDO A ASTROLOGIA ATRAVÉS DA (S) JANELA (S)\*

**Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz**

## **O saber astrológico: origens e conceito**

*“o homem é um cosmo em miniatura, não estando separado do macrocosmo por barreiras intransponíveis”. – Richard Wilhelm<sup>1</sup>*

A Astrologia é uma antiga área do conhecimento. Desde a antiguidade, o homem olha para o céu e percebe a relação dos movimentos celestes com os acontecimentos terrestres. Essa observação fez com que nossos antepassados traçassem paralelos entre os ciclos celestes e as estações do ano, o plantio e a colheita e os acontecimentos humanos, tanto individuais como coletivos. Os próprios calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares (MORIN, 2008:09).

O interesse do homem pelo céu acompanhou diversas civilizações ao longo do tempo, entre eles sumérios, babilônios, caldeus, egípcios, assírios, gregos, romanos, incas, maias, chineses, entre outros. Esses povos conheciam e interpretavam o céu, traçando paralelos com os acontecimentos terrestres. Vilém Flusser (2007:70) também fala das previsões feitas pelos antigos sacerdotes através da Astrologia, tendo como referência os ciclos e epiciclos.

Edgar Morin (1972:15) conta que mesmo antes do nascimento da Astrologia “os astros desempenhavam um papel central na maior parte das civilizações”. Para os antigos, o céu era algo sagrado e a relação do que era visto com o que acontecida na Terra despertou a necessidade de dados mais exatos a respeito dos ciclos dos planetas para que pudessem prever os eventos terrestres.

Astrologia e Astronomia nasceram juntas, pois a preocupação em calcular astronomicamente os ciclos celestes tinha, para os antigos, uma motivação astrológica. Eles queriam compreender os ciclos e fazer previsões a partir do movimento celeste. Os ciclos, aliás, foram importantes em toda concepção da nossa sociedade, especialmente os ciclos do Sol e da Lua, que regiam as plantações e estações do ano. “A roda do Sol, o círculo do tempo, coloca tudo e todas as coisas de volta no lugar que lhes é devido” (FLUSSER, 2007:69).

Até o século XVII, Astrologia e Astronomia estavam interligadas, eram uma só ciência e os astrônomos também eram chamados astrólogos. Entre eles Johannes Kepler, que como conta o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão (2003, p. 187), “iniciou sua carreira elaborando calendários astrológicos e conclui-a como astrólogo da Corte do Duque de Wallenstein”. Segundo

---

<sup>1</sup> WILHELM, 2012, pg. 93.

ele, “essa atividade permitiu que sobrevivesse”. Mourão ainda complementa dizendo que “segundo a concepção astrológica de Kepler, é possível prever o futuro com base no que ocorre no céu”. Há um museu em Praga dedicado a Kepler onde pode-se ver alguns dos mapas astrológicos que desenhava e interpretava.

Edgar Morin (1972:22) também aponta que:

O nascimento duma astronomia moderna coincide com o renascer da astrologia: os próprios astrônomos modernos Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), praticavam a astrologia. Assim, e paradoxalmente, os homens do Renascimento não estabeleciam uma autêntica oposição, um século antes do seu divórcio, entre astronomia e astrologia. A astrologia, a magia, a astronomia, a medicina eram consideradas ciências empíricas”.

Morin (2008:10) ainda reforça que além da relação direta entre Astrologia e Astronomia, esses estudos eram aplicados a toda sociedade. Para ele: “Outrora, porém, inseparável da astronomia, a astrologia estabelecia a influência direta dos planetas, não apenas sobre o destino dos indivíduos, mas, também, sobre o das sociedades”.

Até porque a Astrologia surge justamente para compreender os eventos coletivos, políticos e econômicos e tudo que influenciava a sociedade. A Astrologia individual/pessoal era apenas para os reis e nobres que tinham alto poder aquisitivo. A Astrologia aplicada ao indivíduo é muito mais recente, pois surge com a Psicologia a partir do século XX.

### **A natureza astrológica e sua complexidade**

Astrologia é um saber complexo, que inclui outros saberes, entre eles a Astronomia, Medicina, Matemática, Filosofia, Psicologia, Mitologia. É composta de técnicas e teorias complexas, que incluem cálculos e interpretações. Contém um alfabeto próprio composto por símbolos que representam planetas, signos, aspectos e outros pontos. É uma linguagem que precisa ser interpretada por quem conheça seus símbolos e sinais. É também a narrativa dos ciclos da natureza e da vida humana, uma forma de compreender o mundo capaz de contar a história dos ciclos celestes e de sua relação com os acontecimentos terrestres, o que inclui a experiência humana.

O zodíaco é uma faixa aparente circular, ou seja, de 360°, que, do ponto de vista de um observador na Terra, circunda o sistema solar. Dividindo este círculo em 12 partes iguais, ou seja, de 30° cada uma delas, temos os 12 signos. Olhando a partir da Terra para o Céu, temos a impressão de que o Sol, A Lua e os planetas “passeiam” por esta faixa, em ciclos que se repetem continuamente. O Sol, por exemplo, dá uma volta aparente em torno da Terra durante um ano (aproximadamente 365 dias), marcando claramente as estações do ano, que estão diretamente relacionadas à origem dos signos astrológicos.

Harry Pross, em entrevista feita por Norval Baitello Jr (1992) também nos lembra de que o ritmo social “funciona como um elo entre o ritmo cosmológico – por exemplo as estações do ano – e o ritmo biológico, o ritmo interno de cada organismo”. Esse é exatamente um dos

pressupostos essenciais para a origem e formação dos signos astrológicos, que possuem relação direta com as estações do ano e os ciclos e ritmos celestes. Não há, para a Astrologia, uma relação direta entre signos e constelações celestes, como intuem alguns astrônomos. Para a Astrologia, signos não são representações diretas das constelações, embora tenham os mesmos nomes.

A partir da observação desses diversos ciclos que sempre se repetem e a combinação entre eles, são feitas as previsões astrológicas. Além disso, a cada instante o céu forma uma configuração única. Quando uma pessoa nasce ou quando um determinado evento acontece, esta configuração celeste fica impressa na personalidade desse indivíduo ou na natureza do acontecimento ou evento e, a partir daí, conta a sua história.

Assim, cada um de nós possui um mapa astrológico único e individual, que conta sobre sua personalidade, seus padrões, origens e desafios, bem como possíveis direções e escolhas ao longo da vida. Um mapa astrológico considera Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão, entre outros pontos como asteroides, estrelas fixas e outros, cada um deles dispostos em um dos doze signos, todos presentes em um mapa astral e cada uma destas combinações pertencentes a uma das doze casas astrológicas, divisões calculadas a partir do local de nascimento e que representam assuntos e áreas da vida de uma pessoa, cada uma delas representada por pelo menos um signo e um planeta. Além disso, cada um destes pontos e planetas se relaciona com os demais, formando aspectos e outras relações que podem ser interpretadas por um astrólogo. Estas combinações são infinitas e jamais se repetem, tornando cada mapa astrológico único como qualquer ser humano e, portanto, algo a ser minuciosamente analisado por um astrólogo. Ou seja, a Astrologia aplicada é um saber bastante complexo.

### **As janelas que reduzem e simplificam: o caso do horóscopo**

Apesar de toda complexidade astrológica, a Astrologia é bastante conhecida pelos horóscopos, presentes nos principais jornais, revistas, sites e portais. Segundo a jornalista Daniela Osvald Ramos (2002), os horóscopos surgiram no Brasil como mensais nas revistas e depois ganharam forma diária nos jornais. A pesquisadora lembra que “esse tipo de prática leva em conta apenas o signo solar (determinado pelo dia e mês do nascimento) para a produção de tendências”. Ela ressalta, ainda o quanto esta popularização da Astrologia na forma dos horóscopos é redutora.

Horóscopos, na verdade, são bastante genéricos. Tentam encaixar em poucas palavras as previsões para um doze avos da humanidade de uma vez só. Em algum nível, são informações válidas, porque mostram as tendências gerais para aquele signo. Isso significa que quando são escritos por um astrólogo e com técnicas astrológicas<sup>2</sup>, são válidos. Porém, são informações

---

<sup>2</sup> Em alguns casos os horóscopos são escritos por jornalistas ou outras pessoas sem conhecimento astrológico, o que também colabora com a má fama dos horóscopos, considerados algo sem sentido, que pode ser escrito por qualquer pessoa.

genéricas, que desconsideram os diversos outros pontos importantes existentes no mapa astral de uma pessoa, cada um único, já que o céu jamais se repete.

Assim, se os horóscopos são os grandes divulgadores da Astrologia, já que estão cada vez mais presentes nas mídias, sejam jornais, revistas, sites ou televisão, inclusive nos metrô e elevadores, são também os grandes “vilões” que geram preconceito e esta visão distorcida de que a Astrologia é apenas isso, algo genérico e sem sentido, que não considera individualmente cada indivíduo, o que não é verdade, dando margem a diversas críticas feitas, entre elas por Theodor Adorno e Roland Barthes, que serão analisadas mais adiante.

O horóscopo é um pequeno recorte da Astrologia, mostrado através de janelas construídas ou oferecidas pela mídia para mostrar uma pequena parte de um saber tão complexo. São frestas que mostram para o mundo uma parte muito pequena, reduzida, do que é a Astrologia.

Segundo Norval Baitello Jr. (2012: 52) as diversas telas (cinema, televisão, computador, etc) “mostram o mundo sinteticamente, simplificam (porque recortam) o mundo dentro delas próprias”. No caso dos horóscopos, esta simplificação decorrente do recorte é evidente, já que reduzem toda complexidade astrológica em doze partes iguais de duas ou três linhas cada uma, pretendendo, com isso, explicar o comportamento de toda uma sociedade. Com isso, estereotipam e generalizam uma área inteira do conhecimento.

Ou seja, se as “janelas têm uma função simplificadora” (BAITELLO Jr., 2012: 55), os horóscopos talvez sejam os responsáveis pela imagem distorcida do que é Astrologia, fazendo-a passar por algo fútil, superficial, simples demais.

Baitello Jr. (2012:55), ainda falando sobre as janelas, diz que elas “simplificam o mundo”, reduzindo “nosso esforço de seleção e escolha”, pois “oferecem-nos um ponto de vista previamente recortado”. No caso da Astrologia, isso é claro. São raros os livros ou artigos dedicados aos leigos. Até pouco tempo, uma pessoa apenas poderia ter contato com a complexidade astrológica na consulta pessoal com um astrólogo ou fazendo um curso sobre o assunto. Os livros sobre Astrologia, até pouco tempo, eram raros no Brasil, pois são relativamente poucas as publicações nacionais e a maior parte dos bons livros sobre o assunto não são traduzidos para o português. Além disso, as publicações são, em sua maioria, voltadas a quem já conhece o assunto e, portanto, contém uma linguagem cifrada demais para quem não está familiarizado com o tema.

Isso significa que há uma polarização com relação ao conhecimento astrológico. De um lado, os livros específicos sobre o assunto, voltados basicamente a quem já conhece e, muitas vezes, apenas a quem pode ler em outros idiomas. De outro lado, o horóscopo, o recorte do recorte, a simplificação generalizadora que oferece estereótipos e reduz toda complexidade astrológica.

Mas os horóscopos também apresentam a Astrologia ao grande público e nisso possuem seu mérito. Ao incluir o horóscopo nos principais meios de comunicação, a mídia dá espaço para a Astrologia e faz com que a maior parte das pessoas saiba pelo menos o seu signo solar. Mais do

que isso, muita gente acompanha seu horóscopo diariamente, pautando-se em suas informações para tomar decisões em seu dia a dia.

Neste sentido, o horóscopo mostra que a Astrologia existe. Mas, se de acordo com Baitello Jr (2012:55) as janelas “mais escondem do que mostram”, já que mostram apenas “o que querem mostrar”, no caso da Astrologia muita coisa fica oculta atrás da parede pela qual a janela que se abre é apenas uma pequena fresta. É “aquela pequena fresta que os recortes ainda nos mostram” (BAITELLO Jr., 2012: 55). Ainda segundo Baitello Jr, “quanto mais elas tentam mostrar o mundo, mais elas mostram a si próprias e mais escondem o mundo, porque o simplificam, o reduzem, o resumem”. E, para ele, “ao reduzi-lo e resumi-lo simplificaradamente, escondem-no em sua riqueza e diversidade, em sua amplitude e vastidão, nas suas profundezas e nos seus picos”.

Quando um horóscopo resume o universo em poucas linhas, divididas em apenas doze partes, desconsidera praticamente todos ciclos celestes e sua relação com os acontecimentos terrestres. Ignora o fato de que o céu contém diversos aspectos a serem interpretados por um astrólogo e que este céu jamais se repete. Com isso, esconde do grande público leigo o fato de que cada um de nós possui um mapa astrológico personalizado, único e individual, a partir do qual a descrição da personalidade e as previsões pessoais podem ser feitas. O horóscopo simplifica toda Astrologia, transformando em algo genérico e mero entretenimento uma área do conhecimento que, no fundo, é muito complexa e que ao longo de vários séculos foi considerada ciência.

Ou seja, o horóscopo é a janela que ao mesmo tempo mostra e esconde a Astrologia. Mostra porque torna pública sua existência. Mostra porque através de suas narrativas resumidas chama atenção das pessoas que querem saber mais sobre si mesmas e sobre seu futuro. Mostra por estar presente nos principais meios de comunicação. Mas esconde porque faz pensar que Astrologia é apenas horóscopo. Esconde porque não mostra o que é de fato a Astrologia, tampouco mostra sua complexidade.

### **Olhando para a Astrologia pela fresta: as janelas que recortam**

Regina Machado (2004: 19) faz a seguinte proposta:

Imaginemos...uma casa com muitas janelas: cada estudioso, debruçado sobre uma das janelas, vê a paisagem de um ângulo particular e o que ele descobre tem a ver com o lugar em que se posicionou para observá-la.

A partir daí, Regina Machado conta que “o conhecimento que se pode produzir sobre um determinado assunto depende do ponto de vista de cada um”. Ou seja, depende do lugar de onde cada um olha para um determinado fenômeno e da janela pela qual este olhar parte. Este olhar também depende da janela pela qual um determinado fenômeno é mostrado.

Theodor W. Adorno, um dos principais pensadores da chamada Escola de Frankfurt, fez críticas à Astrologia em seu estudo chamado “As estrelas descem à Terra”, uma análise feita sobre

a coluna de astrologia do “Los Angeles Times”, o que ele chamou de “um estudo sobre superstição secundária” (2007). Theodor Adorno analisou o horóscopo do jornal pelo período de três meses.

Em seu estudo, Adorno coloca as previsões astrológicas presentes no jornal como uma espécie de “poder autoritário no sentido de induzir na massa um comportamento padronizado” (2007:15). Ele chama a Astrologia de “pseudoracional” (2007:44), com um “sobrenturalismo naturalista”, algo “irracional” (2007:45).

Durante toda sua análise, Adorno tenta encaixar a Astrologia à uma cultura de massa, apontando os astrólogos como pessoas que tentam se diferenciar da “tribo das bolas de cristal”. Segundo ele, a Astrologia é algo que “encoraja as pessoas a tomar decisões constantemente, independentemente do quão inconsequentes essas decisões possam ser” (2007:49).

Adorno também acusa a Astrologia de desejar “um nível de cientificidade pretensamente maior que as formas supostamente mais primitivas de sabedoria esotérica, sem, entretanto, entrar no cerne do argumento. Segundo ele, “o problema da falta de uma interconexão transparente entre as observações astronômicas e as interferências sobre o destino dos indivíduos ou das nações não é abordado” (2007:49).

Vale lembrar que os sistemas de referência utilizados pela Astrologia, bem como seus pressupostos, incluem a Astronomia, mas não apenas ela. Basta ler qualquer livro básico de Astrologia para compreender seu funcionamento, seus referenciais astronômicos, matemáticos e simbólicos, seus sistemas de referência e outros.

Adorno chama o público leitor da coluna de “pessoas ingênuas” (2007: 45) e mais adiante fala da “dependência” desses leitores (p. 174). Ele ainda fala da diferença entre os leitores da coluna astrológica do Los Angeles Times e dos leitores das revistas especializadas. Com relação a estas últimas, ele diz que por serem

dirigidas para um núcleo de seguidores da astrologia, e não para o público em geral, contêm material astrológico mais ‘técnico’ e tentam impressionar os leitores tanto com um conhecimento ‘esotérico’ quanto com uma sofisticação ‘científica’. (2007:48)

Ainda sobre as revistas especializadas, Adorno cita os termos técnicos utilizados nessas publicações, dizendo que a “astrologia não é tida como certa, mas tenta, com certa violência, defender seu ‘status’” (p. 48).

Em sua conclusão, Adorno (p.179) diz que a astrologia “pode ser facilmente aceita por pessoas supostamente céticas e desiludidas”. Também fala da busca ansiosa dos astrólogos em apresentar a astrologia como ciência (p/ 180) e compara a astrologia a outras formas de comunicação da cultura de massa, como o cinema. Por fim, Adorno diz que a astrologia “tem que ser vista como um pequeno modelo de...disposições paranoicas”(p. 190) e que ela é “um sintoma de regressão da sociedade como um todo que permite algum discernimento a respeito da própria doença”. Para ele, ainda, a Astrologia “denota uma recorrência do inconsciente, manejada segundo propósitos de um controle social que, afinal, é em si mesmo irracional” (p. 191).

Outro olhar crítico dirigido à Astrologia foi o de Roland Barthes. Em seu livro “Mitologias”, Barthes dedicou um capítulo ao assunto, acusando os astros de serem morais. Segundo ele, “a coragem, a paciência, o bom humor e o controle de si próprio são sempre convenientes perante as decepções timidamente pressagiadas” (2012:169). Para Barthes, “a astrologia é...uma escola da força de vontade”. Em sua crítica, acusa a Astrologia por situar-se “entre todos os empreendimentos de semi-alienação ( ou de semilibertação) que encarregam de objetivar o real, sem, no entanto, chegar a desmistificá-lo”. Ele finaliza seu texto dizendo que “a astrologia é a literatura do mundo pequeno-burguês”. Conforme o próprio Barthes anuncia em seu texto, a crítica foi feita a partir da análise do horóscopo da Revista Elle.

Tanto no caso de Adorno como no de Barthes, notamos que a análise foi baseada apenas nos horóscopos e não na Astrologia em si. Ou seja, ambos analisaram e criticaram um recorte, uma fresta, uma pequena parte da Astrologia, a mais mostrada pela mídia, mas a menor de todas. Apesar disso, ambos teceram considerações críticas à Astrologia como um todo, generalizando a partir do recorte, como se o que as janelas mostraram fosse todo o conhecimento astrológico.

### **Diálogo e compreensão: a visão do todo**

Paul Feyerabend respondeu à uma declaração feita por 186 cientistas contra a Astrologia, apontando em seu livro *Por que não Platão?* o “analfabetismo dos argumentos e a maneira autoritária com que se manifestaram” (2009:82). Segundo Feyerabend, os cientistas utilizaram frases que parecem argumentos, mas no fundo não sabem do que estão falando. Ele cita, inclusive, o caso de um dos 186 cientistas, um prêmio Nobel, que ao ser chamado para um programa para falar sobre o assunto recusou o convite, dizendo nunca ter estudado Astrologia e portanto não conhecer seus detalhes.

Um dos argumentos rebatidos por Feyerabend foi justamente a acusação feita pelos cientistas sobre a distância entre as concepções astronômicas e astrológicas e seus respectivos princípios. Ele também contesta o argumento que diz ter nascido a Astrologia da Magia e vários outros, demonstrando o quanto os cientistas criticaram algo que, de fato, desconhecem. Feyerabend aponta que, pelo que pôde observar, não há entre os cientistas que criticaram a Astrologia um etnólogo ou alguém que esteja acompanhando os resultados mais recentes da Astrologia.

O documento analisado e contestado por Feyerabend acusa os próprios astrólogos de, “oferecer o horóscopo como substituto de uma reflexão sincera e fundada”, e “se ajustarem na tendência humana geral de seguir a lei do mínimo esforço” (p. 89, tradução da autora).

Por fim, o próprio Feyerabend tece algumas críticas a alguns pontos da Astrologia, mas mostra, em seu texto, o quanto os cientistas que a criticaram não tinham argumentos consistentes e falaram de algo que, no fundo, desconheciam.

Edgar Morin, em seu livro “O retorno dos astrólogos”, escrito em conjunto com outros autores, traz informações importantes sobre o nascimento e desenvolvimento da Astrologia ao longo da história e das diversas civilizações. Ele conta sobre o nascimento da Astrologia nos povos antigos e suas influências no desenvolvimento da sociedade como é concebida até hoje. Ele conta que os astros foram “os reguladores do tempo social e da vida, quer profana, quer religiosa” (1972, p. 16). Segundo Morin, “o nascimento da astrologia andou ligado aos progressos na observação do movimento dos astros”. Para ele, “astronomia e astrologia, ciência e magia, são de fato indissociáveis”. Morin fala sobre a presença da Astrologia em diversas civilizações e conta parte da história desta área do conhecimento tão antiga, que é também uma forma de compreensão do mundo. Em seu livro, Morin também fala do divórcio que aconteceu entre Astrologia e Astronomia, entre ciência e religião. Fala também da presença da Astrologia nos meios religiosos e do nascimento da Astrologia moderna, que teria acontecido com astrônomos-astrólogos como Kepler e Copérnico (p. 22), assim como a proibição da prática astrológica, sua comparação às práticas de bruxaria e a proibição da publicação e difusão dos almanaques astrológicos (p. 23). Segundo Morin, “cada vez mais desconsiderada nos meios eruditos ou cultos, a astrologia entra, daí em diante, no universo subterrâneo das ciências ocultas” (p. 23).

Para Claude Fischler, “foi a grande imprensa quem tirou a astrologia do ocultismo” (p. 29), com o surgimento de uma “astrologia de massa”, com os horóscopos, que “alcançam a grande imprensa.

O próprio Edgar Morin e os demais autores do livro fazem críticas aos horóscopos que, segundo Fischler, “exageram e valorizam demasiadamente o estatuto social de seu público” (p. 48). Para ele, os horóscopos dirigem-se “a um auditório largamente imaginário e deixam ao leitor o trabalho de se identificar com a imagem mítica implicitamente sugerida por previsões e conselhos” (p. 48).

Para Fischler (p. 50), o horóscopo “acomoda o mundo e o destino ao indivíduo”. Ele “manda ou recomenda ao seu leitor que se acomode ao mundo ou que se contente com ele”. O horóscopo “sugere, nos seus conselhos, os meios de evitar os azares da vida e as sacudidas do destino: incita à adaptação”. Ele ainda aponta para o fato do horóscopo pregar, “a maleabilidade, a flexibilidade” (p. 51).

Assim, Fischler (p. 67) descreve detalhadamente o “aparecimento” e o “desenvolvimento” de uma astrologia de massa: produzida e difundida pelos *media*.

Ainda no livro “O retorno dos astrólogos”, Philippe Defrance (p. 81) apresenta uma outra astrologia, erudita, que “constitui” um saber fortemente articulado”. Segundo Defrance, para os iniciados que sabem interpretar um mapa astrológico, “a astrologia é uma chave, uma ferramenta, um gráfico de interpretação, uma última referencia, numa palavra: uma cultura”.

Defrance (p. 167) aponta, ainda, que a Astrologia “resiste às críticas religiosas, científicas e ideológicas”. Para ele (p. 168), “ao contrário da vidência, a astrologia é um sistema fortemente

estruturado que possui a sua simbólica própria”. Ele continua dizendo que este sistema “propõe uma representação do mundo que fundamenta e justifica a predição”. “Para a Astrologia”, continua Defrance, “o microcosmo humano exprime analogicamente o macrocosmo cósmico”. Assim, “este postulado torna verosímil a interpretação das configurações astrais”. Ao longo de todo o capítulo chamado “Lógica e coerência da Astrologia” (p. 167), Defrance apresenta os pressupostos básicos do funcionamento astrológico.

No último capítulo do livro, a conclusão é apresentada por Edgar Morin, que define que “a astrologia não é um folclore residual que a sociedade vá fazer desaparecer” (p. 187). Morin fala das bases antropológicas da Astrologia e de outros princípios e pressupostos. Ele nos lembra de que “hoje em dia esquecemo-nos de que o céu é um princípio fundamental de organização antropológica” (p. 189), ao explicar que uma das bases da Astrologia implica a relação entre o “astro e o homem” (p. 187).

Segundo Morin (p. 215), “A astrologia moderna, em conclusão, não pode ser considerada uma moda superficial ou uma superstição de ignorância”.

### **Considerações sobre o todo e seus recortes**

A partir da análise das ponderações feitas por autores como Theodor Adorno, Roland Barthes, Paul Feyerabend e Edgar Morin, entre outros, sobre Astrologia, notamos a importância das janelas, incluindo o lugar de observação e fala de cada um deles, bem como o retângulo pelo qual ela foi mostrada.

Em outras palavras, a Astrologia só pôde ser compreendida com toda sua complexidade por autores que a olharam Astrologia como um todo, incluindo história, origens, pressupostos e aplicações práticas.

Os autores que olharam especificamente para os horóscopos, sem observar o que mais havia por trás dessas janelas, apenas puderam apreender um pequeno recorte da Astrologia, uma pequena parte mostrada por uma fresta.

Assim, suas críticas não poderiam ser diferentes, já que o horóscopo, apesar de mostrar a Astrologia, reduz toda complexidade astrológica, dando margem a muitas das críticas que costuma receber. Ou seja, generalista, reducionista e estereotipado na verdade é o horóscopo e não a Astrologia, que acaba sendo criticada por uma pequena parte, e não pelo todo.

\*Este artigo foi publicado no livro *Comunicação em Cena*, volume 4, organizado por Liana Gottlieb, pela editora Scortecci, em 2014.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra: um estudo sobre superstição secundária**. São Paulo: UNESP, 2009.

BAITELLO JR., Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**". São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

BAITELLO JR., Norval. BARRETO, José Roberto. **A comunicação e os ritos do calendário: entrevista com Harry Pross**. São Paulo: Revista de Cultura Brasileira e Alemã, número 7: Junho/1992.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

FEYERABEND, Paul. **El extraño caso de la Astrología in ¿Por qué no Platón?**. Madrid: Tecnos, 2009.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosc Naify, 2007.

JUNG, C. G. WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MORIN, Edgar e outros. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972.

\_\_\_\_\_. Cassé, Michel. **Filhos do Céu: entre vazio, luz e matéria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RAMOS, Daniela Osvald. **Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica**. Dissertação de Mestrado. ECA/USP, 2002.